



ESCOLA DA FÉ

ANO PASTORAL 2020/2021

CATEQUESES SOBRE O PAI NOSSO

PARÓQUIA DE MATOSINHOS (SALVADOR) - 26.JAN.2021

Não nos deixeis cair em tentação, mas livrai-nos do mal

1. Não nos deixeis cair em tentação

Proseguimos a catequese sobre o “Pai-Nosso”, chegando hoje à penúltima invocação: «Não nos abandones à tentação» [versão em italiano]. Outra versão diz: «Não nos deixeis cair em tentação» (Mt 6, 13). O “Pai-Nosso” começa de maneira serena: faz-nos desejar que o grande projeto de Deus se possa realizar no meio de nós. Depois lança um olhar à vida, e faz-nos pedir aquilo de que precisamos todos os dias: o “pão de cada dia”. Em seguida, a oração concentra-se nas nossas relações interpessoais, muitas vezes poluídas pelo egoísmo: pedimos o perdão e comprometemo-nos a concedê-lo. Mas é com esta última invocação que o nosso diálogo com o Pai

celeste entra, por assim dizer, vai ao cerne do drama, ou seja, ao âmbito do confronto entre a nossa liberdade e as ciladas do maligno.

Como se sabe, a expressão original grega contida nos Evangelhos é difícil de traduzir de maneira exata, e todas as traduções modernas são um pouco imprecisas. Mas sobre um elemento podemos convergir de maneira unânime: seja qual for a interpretação do texto, devemos excluir que é Deus o protagonista das tentações que ameaçam o caminho do homem. Como se Deus estivesse emboscado para armar ciladas e armadilhas aos seus filhos. Uma interpretação deste género antes de tudo está em contraste com o próprio texto, e longe da imagem de Deus que Jesus nos revelou. Não esqueçamos: o “Pai-Nosso” começa com “Pai”. E um pai não arma ciladas aos filhos. Os cristãos não têm que lidar com um Deus invejoso, em competição com o homem, ou que se diverte a pô-lo à prova. Estas são as imagens de tantas divindades pagãs. Lemos na Carta de Tiago apóstolo: «Ninguém diga, quando for tentado pelo mal: “É Deus que me tenta”. Porque Deus não é tentado pelo mal, nem tenta ninguém» (1, 13). No máximo é o contrário: o Pai não é o autor do mal, a nenhum filho que pede um peixe ele dá uma serpente (cf. Lc 11, 11) — como ensina Jesus — e quando o mal se insinua na vida do homem, combate ao seu lado, para que possa ser libertado. Um Deus que combate sempre por nós, não contra nós. É o Pai! É neste sentido que rezamos o “Pai-Nosso”.

Estes dois momentos — a prova e a tentação — estiveram misteriosamente presentes na vida de Jesus. Nesta experiência o Filho de Deus fez-se completamente nosso irmão, duma maneira que chega quase ao escândalo. E são precisamente estes excertos evangélicos que nos demonstram que as invocações mais difíceis do “Pai-Nosso”, aquelas que encerram o texto, já foram ouvidas: Deus não nos deixou sozinhos, mas em Jesus Ele manifesta-se como o “Deus-connosco” até às extremas consequências. Está connosco

quando nos dá a vida, está connosco durante a vida, está connosco na alegria, está connosco nas provações, está connosco nas tristezas, está connosco nas derrotas, quando pecamos, mas está sempre connosco, porque é Pai e não nos pode abandonar.

Se formos tentados a praticar o mal, negando a fraternidade com os outros e desejando um poder absoluto sobre tudo e sobre todos, Jesus já combateu por nós esta tentação: confirmam-no as primeiras páginas dos Evangelhos. Logo depois de ter recebido o batismo pelas mãos de João, no meio da multidão dos pecadores, Jesus retira-se no deserto e é tentado por Satanás. Começa assim a vida pública de Jesus, com as tentações que vêm de Satanás. Satanás estava presente. Muitas pessoas dizem: “mas por que falar do diabo que é uma coisa antiga? O diabo não existe”. Repara no que te ensina o Evangelho: Jesus confrontou-se com o diabo, foi tentado por Satanás. Mas Jesus afasta qualquer tentação e sai vitorioso. O Evangelho de Mateus tem um aspeto interessante que encerra o duelo entre Jesus e o Inimigo: «Então, o diabo deixou-o e chegaram os anjos e serviram-no» (4, 11).

Mas também no tempo da provação suprema Deus não nos deixa sozinhos. Quando Jesus se retira para rezar no Getsémani, o seu coração é invadido por uma angústia indescritível — assim diz aos discípulos — e Ele experimenta a solidão e o abandono. Sozinho, com a responsabilidade de todos os pecados do mundo sobre os ombros; sozinho, com uma angústia inenarrável. A provação é tão dilacerante que acontece algo inesperado. Jesus nunca mendiga amor para si mesmo, contudo naquela noite sente a sua alma triste até à morte, e então pede a proximidade dos seus amigos: «ficai aqui e vigiai comigo» (Mt 26, 38). Como sabemos, os discípulos, sobrecarregados por um entorpecimento causado pelo medo, adormeceram. No tempo da agonia, Deus pede ao homem que não o abandone, e ao contrário o homem dorme. No tempo em que o

homem conhece a sua provação, Deus vigia. Nos momentos mais difíceis da nossa vida, nos momentos de mais sofrimento, nos momentos mais angustiantes, Deus vigia connosco, Deus luta connosco, está sempre próximo de nós. Porquê? Porque é Pai. Começámos assim a oração: “Pai-Nosso”. E um pai não abandona os seus filhos. Aquela noite de dor e de luta são para Jesus o último selo da Encarnação: Deus desce para se encontrar connosco nos nossos abismos e nas aflições que constelam a história.

É o nosso conforto na hora da provação: saber que aquele vale, desde quando Jesus o atravessou, já não está desolado, mas está abençoado pela presença do Filho de Deus. Ele nunca nos abandonará!

Por conseguinte, ó Deus, afasta de nós o tempo da provação e da tentação. Mas quando chegar para nós este tempo, Pai nosso, mostra-nos que não estamos sozinhos. Tu és o Pai. Mostra-nos que Cristo já carregou sobre si também o peso daquela cruz. Mostra-nos que Jesus nos chama a carregá-la com Ele, abandonando-nos confiantes ao teu amor de Pai.

2. Livrai-nos do mal

E eis que chegamos ao sétimo pedido do “Pai-Nosso”: «Livrai-nos do mal» (Mt 6, 13b).

Com esta expressão, quem reza não só pede para não ser abandonado no tempo da tentação, mas suplica também para ser libertado do mal. O verbo grego original é muito forte: evoca a presença do maligno que tende a agarrar-nos e a morder-nos (cf. 1 Pd 5, 8) e do qual se pede a Deus a libertação. O apóstolo Pedro diz também que o maligno, o diabo, está à nossa volta como um leão furioso, para nos devorar, e nós pedimos a Deus que nos liberte.

Com esta dúplice súplica “não nos deixeis cair em tentação” e “livrai-nos”, sobressai uma característica essencial da oração cristã. Jesus ensina aos seus amigos a colocar a invocação do Pai diante de tudo, até e sobretudo nos momentos nos quais o maligno faz sentir a sua presença ameaçadora. Com efeito, a oração cristã não fecha os olhos sobre a vida. É uma prece filial e não uma oração infantil. Não está encantada pela paternidade de Deus, a ponto de esquecer que o caminho do homem está cheio de dificuldades. Se não houvesse os últimos versos do “Pai-Nosso” como poderiam rezar os pecadores, os perseguidos, os desesperados, os moribundos? A última petição é precisamente o nosso pedido quando estivermos no limite, sempre.

Há um mal na nossa vida, que é uma presença incontestável. Os livros de história são o desolador catálogo de quanto a nossa existência neste mundo tem sido uma aventura muitas vezes fracassada. Há um mal misterioso, que certamente não é obra de Deus mas que penetra silenciosamente nas dobras da história. Silencioso como a serpente que leva o veneno sorratamente. Nalguns momentos parece que domina: em certos dias a sua presença parece até mais nítida do que a da misericórdia de Deus.

O orante não é cego, e vê claramente diante de si este mal tão pesado, e em contradição com o próprio mistério de Deus. Divisa-o na natureza, na história, até no seu coração. Pois não há ninguém entre nós que possa dizer que está livre do mal, ou que não se sente pelo menos tentado. Todos nós sabemos o que é o mal; todos sabemos o que é a tentação; todos experimentámos na nossa pele a tentação, de qualquer pecado. Mas é o tentador que nos move e nos leva ao mal, dizendo-nos: “faz isto, pensa isto, vai por aquele caminho”.

O último brado do “Pai-Nosso” é lançado contra este mal “com orlas amplas”, que mantém debaixo do seu guarda-chuva as experiências mais diversas: os lutos do homem, o sofrimento inocente, a

escravidão, a instrumentalização do outro, o pranto das crianças inocentes. Todos estes eventos protestam no coração do homem e tornam-se voz na última palavra da oração de Jesus.

É precisamente nas narrações da Paixão que algumas expressões do “Pai-Nosso” encontram o seu eco mais impressionante. Jesus diz: «Abbá, Pai, tudo te é possível; afasta de mim este cálice! Mas não se faça o que Eu quero, e sim o que Tu queres» (Mc 14, 36). Jesus experimenta totalmente o trespasse do mal. Não só a morte, mas a morte de cruz. Não só a solidão, mas também o desprezo, a humilhação. Não só a má vontade mas também a crueldade, a perseguição contra Ele. Eis o que é o homem: um ser devotado à vida, que sonha o amor e o bem, mas que depois se expõe continuamente ao mal, a si mesmo e aos seus semelhantes, a ponto que podemos ser tentados a perder a esperança no homem.

Assim o “Pai-Nosso” assemelha-se a uma sinfonia que pede para ser realizada em cada um de nós. O cristão sabe quanto é tentador o poder do mal, e ao mesmo tempo experimenta como Jesus, que nunca cedeu às suas lisonjas, está da nossa parte e vem em nossa ajuda.

Assim a oração de Jesus deixa-nos a herança mais preciosa: a presença do Filho de Deus que nos libertou do mal, lutando para o converter. Na hora do combate final, ordena a Pedro que enfie a espada na bainha, garante ao ladrão arrependido o paraíso, a todos os homens que estavam à sua volta, inconscientes da tragédia que estava a ser consumada, oferece uma palavra de paz: «Pai, perdoai-lhes, pois não sabem o que fazem» (Lc 23, 34).

Do perdão de Jesus na cruz jorra a paz, a verdadeira paz vem da cruz: é dom do Ressuscitado, um dom que Jesus nos concede. Pensai que a primeira saudação de Jesus ressuscitado é “a paz esteja convosco”, a paz nas vossas almas, nos vossos corações, nas vossas vidas. O Senhor concede-nos a paz, dá-nos o perdão, mas nós devemos

pedir: “livrai-nos do mal”, para não cair no mal. Esta é a nossa esperança, a força que Jesus ressuscitado nos concede, que está aqui, no meio de nós: está aqui. Está aqui com aquela força que nos concede para irmos em frente, e promete que nos liberta do mal.